



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



O BALÉ CLÁSSICO E AS OUTRAS. AS DANÇAS AFRO E A PERSPECTIVA AFROCÊNTRICA COMO RECURSO DE REORIENTAÇÃO DA AGÊNCIA

Marina Nascimento Silva Souza¹
Marina Brasiliano Salerno²

RESUMO: O presente artigo propõe uma discussão crítica, conduzida por reflexões contidas no âmbito dos Estudos Culturais, acerca da legitimação das danças afrodiáspóricas brasileiras como produção cultural. Sendo o Brasil, segundo o último censo, composto em sua população por mais de 56,1% de pessoas negras, as heranças coloniais permanecem por meio da constante confirmação da cultura eurocêntrica, que enaltecem e incentivam a centralidade de danças de caráter hegemônico como o balé clássico, ignorando as influências dos demais povos que compõem a cultura brasileira. O presente evento induz um cenário cultural frágil, de disputa e comparação com o objetivo de manter-se um padrão e distorce a importância das contribuições das manifestações artísticas dançantes com influências africanas, foco do presente trabalho.

Palavras-chave: Balé clássico. Cultura. Dança Afro.

INTRODUÇÃO

O movimento é uma das expressões mais primitivas da humanidade. Desde então, o gestual tem sido empregado para diversos fins, entre eles, na intenção de comunicar algo seja nas manifestações de devoções religiosas, como respostas ao ritmo das próprias emoções ou reações ao ambiente. Sendo assim, podemos entender que, movimento e dança, em seu estado experimental/inicial, se fundem. (FRANCO E FERREIRA, 2016)

Silva (2019), situa o movimento como um aspecto cultural, social e político. A partir dessa leitura, busco discutir por meio deste artigo, quais lugares, os autores/protagonistas desses movimentos, que não se constituem majoritariamente por influências ocidentais, ocupam no âmbito da produção cultural legítima. E, sobretudo, relacionar a reflexão acima com a minha perspectiva como bailarina, professora de balé e mulher negra, que passou a questionar a sua distância de outras manifestações artísticas que não fossem compatíveis com a cultura ocidental. Vale destacar que o texto possui colaboração da minha orientadora, uma mulher branca.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana/UFMS. E-mail: marinanss@gmail.com O presentetrabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: marinanss@gmail.com

² Professora doutora permanente, do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana/UFMS – Orientadora. E-mail: marina.brasiliano@ufms.br



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Para o presente trabalho, buscou-se acessar as publicações científicas que versam sobre os temas do balé clássico, dança afro, afrocentricidade e cultura, tendo assim a revisão de literatura como procedimento metodológico. A pertinência desta metodologia se dá na identificação dos conceitos e contextos expostos anteriormente favorecendo a reflexão, a compreensão e relacionamento com aspectos emergentes na pesquisa em questão.

Barros (2009), apresenta a revisão bibliográfica como um dos itens fundamentais para a elaboração de um projeto. Ela ocorre a partir de um levantamento exploratório da bibliografia já existente, para reunir conhecimentos já validados pela produção científica, com o objetivo de sustentar reflexões e justificar a pertinência de sua pesquisa.

Embora o contexto acadêmico tenha ficado distante de minha rotina por algum tempo, a presente temática se mostrou sempre presente em minhas reflexões. Durante os mais de 35 anos de minha vivência na área da dança, localizados entre o final dos anos 1980 e 2000, na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, como aluna e posteriormente como professora, não estabeleci relações significativas com referências culturais de origem africana. Assim como o ambiente escolar, as referências culturais de maneira geral priorizavam a centralização dos modelos civilizatórios ocidentais.

Em relação a área da dança, o balé clássico, dança moderna, jazz, dança contemporânea, e o flamenco, todas referências pertencentes ao modelo hegemônico, compuseram momentos de minha trajetória. Entretanto, foi através do balé clássico, uma arte eurocêntrica, que me profissionalizei e atuei pela maior quantidade de tempo como professora. Somente mais tarde, em uma pós-graduação em dança e consciência corporal, fui ter o meu primeiro e único contato, até então, com a dança afro e suas epistemologias.

Pude observar, ao vivenciar tamanha distância acerca das manifestações culturais afrodiáspóricas brasileiras, o interesse primordial de nossa sociedade em restringir os espaços de expressão da cultura em questão, assim como nas palavras de Maria Elisa Cevalco (2003, p.70): “A produção cultural sempre esteve ligada a processos de controle de dominação social.”

Ferreira, Freire e Oliveira (2019), apontam os meios de produção cultural como responsáveis (não somente) pela divulgação distorcida sobre as histórias dos povos africanos. Conduta inaugurada pelo processo colonial que impôs o afastamento, apagamento e difamação das manifestações da cultura africana, para naturalizar a aquisição e divulgação dos seus



costumes. Logo, a sociedade se habituou a consumir e celebrar a cultura eurocêntrica sem sequer questionar os motivos imperialistas e segregadores ali contidos.

Para exemplificar as situações de epistemicídio característicos das experiências da população negra, acesso uma passagem relatada por hooks (2019), em relação uma experiência no ensino médio, quando a hoje escritora, questiona seus professores, sobre a ausência de autores negros na aula de literatura. Após receber a resposta inicial de que não existiam autores negros, Hooks apresenta uma lista deles. Ainda assim, os professores justificaram o apagamento desses nomes, dizendo não ser “grande” literatura, materializando a inferiorização e subjetivação de uma pessoa negra.

Percebo então uma incoerência nas ações propostas pelos ambientes de aprendizagem, na qual a premissa básica deveria ser ampliar nossos arcaibouços teóricos da diferença, para sermos capazes de argumentar criticamente frente aos conflitos e desafios da vida em sociedade, pois o mesmo ambiente se apresenta como mero reproduzidor e incentivador das opressões, empenhados em continuar, a supremacia da “cultura dominante.” (Hooks, 2019)

Diante do exposto, observa-se as consequências provocadas pelos ambientes de ensino, ao restringir a maior parte da trajetória da população negra ao período escravocrata. Muito embora existam registros anteriores há 400 anos, sobre os feitos das civilizações africanas, como os povos de *Kemet*³ e suas evidentes contribuições para o desenvolvimento de áreas da filosofia, ciência e matemática, o esforço ocidental em localizar esta população fora do continente africano, prevalece até os dias de hoje. Logo, quando o provérbio africano afirma: “Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça sempre glorificarão o caçador”, nota-se que o cenário de violência e desumanidade vivenciado pela população negra fora desconsiderado, para evidenciar as glórias e vitórias da colonização. (SOUZA, 2021).

Para possibilitar elaboração dessas questões, entendo a urgente reorganização dos processos civilizatórios que nos foram impostos, em paralelo com a aproximação da sabedoria ancestral. (Asante, 2014). A resistência ao contato forçado com o agente único das narrativas e seu desejo de aprisionar junto com a terrível passagem dos negros escravizados, potencializa e dá sentido à toda a contribuição ancestral que lhes fora dispensada até o momento das invasões,

³ Nome do Antigo Egito antes da nomeação colonial dada pelos gregos. *Kemet* quer dizer “Terra preta”, e sua colonial mudança de nome fora realizada com o objetivo de afastar essa determinante conquista grega da sua origem negra/africana (SOUZA,2021).



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



sendo esse o propósito dos grandes feitos protagonizados pelas populações africanas e as demais reflexões aqui contidas.

Uma breve passagem pela história do balé clássico

O balé clássico é uma manifestação cultural de origem europeia e compõe a restrita classe de danças legitimadas pelo ocidente (Guarato, 2019). O nome *ballet* tem origem italiana, da palavra *balletto* e aparece nos manuais de dança da época como bailes coreografados, um pequeno baile, podendo conter momentos de dramaturgia. (Couto, 2020)

Corroborando com as expressões culturais consideradas eruditas, como a música clássica e as artes plásticas renascentistas, são heranças coloniais, que ocupam uma posição de prestígio no imaginário coletivo, com a autoridade e valor, que outras manifestações artísticas não acessam. (Anúnciação, 2019)

Segundo Couto (2022), os primeiros registros sobre a expressão artística que viria futuramente se tornar o balé clássico, são identificados ao longo do século XVII, com o nome do *Ballet de Cour*⁴. A autora afirma que mais adiante, o libreto do *Ballet Comique de la Reine*⁵ (1581), de *Balthasar de Beaujoyeulx* (1535-1587), eleva o status do balé a um gênero específico de espetáculo coreográfico, passando a ser visto agora, pela sua complexidade de regras e composição, como arte.

Sapaio (2013) aponta Luís XIV, o Rei Sol, assim chamado por ter representado o papel de "sol" no *Ballet de la Nuit* (Balé da noite) como uma personalidade considerada por muitos o pai da dança clássica, criou a Academia Real de Dança.

Com as performances teatrais, poesia, pintura e dança do *Ballet de Cour*, passando por pertinentes adequações e mudanças, seguido pelo *Ballet Comique de la Reine*, e com sua estruturação, organização pedagógica, sistematização de vocabulário e técnica refinadas Lully, chega – se em um esboço do balé clássico que vem a se tornar aos que se apresentam nos dias hoje. (Couto, 2020)

⁴ “Gênero de espetáculo de corte francês elaborado no final do século XVI e emblemático dos reinados de Luís XIII, Luís XIV – e postula as regras e características principais do gênero, bem como recomendações eminentemente práticas e questões de ordem técnica que estão colocadas na elaboração e realização de um balé”. Couto 2020, p 471- 472)

⁵ Fantini (2015), relata este libreto fora apresentado no reinado de Catarina dei Médicis. A rainha quis presentear um casal de amigos em seu casamento, com um grande baile coreografado, que por sua complexidade, não ficou pronto na data do casamento, e teve sua apresentação, dois meses após as festividades oficiais.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Este evento aparentemente natural e inofensivo, sustenta a crença que o acesso à prática desta dança é exclusivo dos que são compatíveis com o estereótipo europeu. (Anuniação, 2019)

Entre as confluências das águas de Cultura e Folclore

Quando refletimos sobre o conceito de cultura internalizado em torno da sociedade brasileira, podemos identificar um distanciamento entre as perspectivas de cultura e folclore, sobretudo sobre seu valor, reconhecimento e divulgação. A cultura aparece para definir os padrões de uma classe dominante, devidamente preservada, enaltecida, e ligada a conteúdos educacionais. Enquanto o folclore pertence aos costumes das classes subalternizadas, remetendo às populações periféricas pobres, em sua maioria negra, e ligado a preconceituosa visão do descompromisso da diversão. Identifica-se ainda, a adição da palavra “popular”, após a palavra “cultura”, com o intuito de determinar e reforçar, uma diferenciação pautada na hierarquia entre as linguagens cultas e populares (Cordeiro, 2022).

Williams (2015), localiza a cultura como algo comum, compreendida por aspectos simples e corriqueiros que permeiam a nossa rotina, nossos costumes. O autor reforça, que ela se dá através das interações, das experiências e das descobertas. Sua dinâmica se constrói e desconstrói a cada modo de pensar individual, e se funde novamente, também no coletivo. A cultura abarca aspectos tradicionais e criativos, comuns e refinados. É um fenômeno presente em toda sociedade, constituída a partir de especificidades de caráter popular, que operam de forma dinâmica.

Apesar do imenso esforço feito pela sociedade para posicionar os dois conceitos em forma de disputa, essa ação se apazigua se nos livrarmos das correntes deste olhar essencialista colonial, quando ampliamos os sentidos para perceber os aspectos dinâmicos e genuínos que compreendem a produção cultural de uma população.

Imersa na reflexão poética de Brandão (2014), conecto meu entendimento de folclore e cultura, como o encontro de vários rios, que trazem folhas, pedras, elementos da natureza que se decompõem, passam por cheias, secas, e se transformam sem se preocupar com quem veio primeiro, quem eram, e como vão chegar em outras águas, seguem o fluxo com confiança e maestria. O folclore pode se satisfazer enquanto um elemento da cultura, folclore e cultura podem se encontrar em similaridades desassociáveis, e as águas da cultura popular, ao se



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



misturar tanto nas águas da cultura, se estabelece como a mesma, a partir de um processo dinâmico, transformador e natural.

Uma sociedade estruturada a partir da invasão, domínio e disputa, não dá conta de elaborar toda essa complexidade, com a leveza da poesia, mas a arte tem a potente habilidade de encontrar brechas para que esses diálogos aconteçam.

Ao localizar estas questões na área das artes cênicas, Silva (2019) ressalta a importância da discussão crítica da diferença na produção cultural, sobretudo quando falamos de dança. Em meio a um ambiente hostil, artistas negros resistem em sua continuidade por meio de expressões culturais potentes que movimentam pautas sensíveis e urgentes, como a reumanização da população negra por meio da arte, seguida da legitimação de suas epistemologias.

A dança outra

Os Estudos Culturais, entre outras pautas, nos conduzem ao pensamento crítico relacionado às influências colonizadoras que permeiam a constituição da nossa sociedade, e se apresentam como um campo fértil para mediar reflexões acerca das problemáticas do discurso hegemônico contido nas manifestações artísticas eurocêntricas, como o balé clássico.

Sobre a posição de supremacia sustentada pelo balé clássico, e a até então, incontestável legitimação de suas origens, adicionados de sua precoce sistematização e metodologia estruturados de acordo com os modelos de validação da sociedade, Silva (2019), através dos trabalhos de Y.V. Mudimbe: “A invenção da África” (1988) e “A ideia da África” (1994), elabora esta situação, se referindo às danças ocidentais, através do termo “os mesmos”. “Os mesmos” ocupam a posição do clássico, do modelo, do aceito, produto do supremo saber europeu/ocidental. E para representar as práticas artísticas dançantes que se referem as manifestações divergentes, oriundas de produções tidas como opostas, produzidas por corpos dissonantes, portanto, marginalizados, o termo “as outras”. O que “os mesmos” não reconhecem em si, desejam afastar, logo não devem ser acessadas, não são dignas do diálogo, nem da partilha do prestígio.

Bhaba (1998), confirma as barreiras encontradas pelas minorias, ao esperar alguma mobilidade social por meio da validação de sua produção cultural presentes em momentos históricos relevantes. As complexas articulações, protagonizadas pelo poder hegemônico, no entanto afastam e retardam qualquer possibilidade de ascensão ou reconhecimento.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



No entanto, é comum encontrarmos grandes apreciadores de expressões artísticas com sua origem autorizadas para serem africanas, como o carnaval, danças urbanas, a culinária, experiências turísticas, ou até em momentos mais emotivos até admitem ter algum traço hereditário negro. Mas nenhuma dessas conservadoras aproximações, podem ameaçar o conforto do “mesmo”, com a mais remota possibilidade em sofrer os percalços de um existir como o “outro”.

Zenicola (2020), discute a influência das áfricas nas manifestações artísticas brasileiras e no seu consumo. Reflete sobre a ocupação do corpo político dessas manifestações, que apresenta uma certa liberdade no consumo, sob um aparente desconforto em assumir, validar e difundir essas experiências. A autora identifica na cultura brasileira, ricas e diversas “danças outras”, como a capoeira, o maculelê, o maracatu, samba de roda, entre outras, que com raízes africanas, ou dos povos originários brasileiros, essas expressões carregam em sua identidade, um vibrante convite para nossa validação e regeneração cultural.

“O Balé que você não vê”

Sobre os aspectos de resistência que as manifestações afrodiáspóricas precisaram desenvolver através dos anos para garantir sua agência, ao se manterem fiéis, focadas e lúcidas na garantia da humanização da população negra e a divulgação digna e ética de sua filosofia, apresento como exemplo, o Balé Folclórico da Bahia (BFB)⁶, que no ano de 2022, estreou um espetáculo intitulado “O Balé que você não vê”. O título é autoexplicativo ao que concerne ao apagamento das manifestações de origem africana, e expõe a ciência de sua população e as articulações desenvolvidas para lidar com tais barreiras.

A dança como canal de conexão e compreensão do ambiente em que se vive, é um evento natural das experiências de origem africana. Abordagens com essa perspectiva trazem a oportunidade de usufruir uma relação sensível e aberta com o meio, que podem vir a se tornar experimentações artísticas. Vivências que compreendem tal amplitude e alteridade são entendidas com a capacidade de compor uma série de arcabouços, que terão a função de sustentar o indivíduo nas possíveis adversidades que irão compreender sua existência. O Balé

⁶ Renomada Companhia de dança e projeto social, fundado na cidade de Salvador, Bahia, por Walson Botelho em 1988, e dirigido por José Carlos Arandiba (Zebriinha). Conhecido por sua agência e resistência, no cenário cultural brasileiro por suas performances resultados dos diálogos entre as manifestações culturais africanas, cultura indígena e nordestina brasileiras e seus desdobramentos.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Folclórico da Bahia, já apresenta em sua identidade uma diversidade instigante e curiosa unindo os termos “balé”, que remete a erudita dança das cortes europeias, com “folclórico”, uma manifestação popular responsável por manter as histórias de seus povos viva, frente as heranças coloniais. (MESQUITA E MEDEIROS, 2019)

Podemos relacionar esse pertinente trabalho que a citada companhia compôs – e que retrata a maneira como a cultura brasileira, se constituiu através dos tempos, com o que Oyèwùmí (1997), aponta sobre a predileção da utilização do sentido da visão, ser uma característica ocidental.

“O olhar, é um convite para diferenciar” (Oyèwùmí, 1997, p. 42). Nesta afirmação Oyèwùmí, identifica no conceito da “cosmovisão” o privilégio ocidental do visual. A autora aponta que o ocidente tende a privilegiar esse sentido, estabelecendo suas escolhas preferencialmente ao que seus olhos se conectam e desejam ver. Conexão essa que tende a ser estabelecida através da semelhança, o que posiciona o diferente, o outro, como inadequado, sem valor. Já as nações Iorubá, origem da autora, procuram entender o ambiente por meio da “cosmopercepção”, abordagem que se permite recrutar outros sentidos e combina-los de maneira dinâmica ao se relacionarem com situações diversas, o que permite uma amplitude e riqueza nas reflexões.

Os diálogos interculturais propostos pelo Balé Folclórico da Bahia, são possíveis, se fortalecem, e são validados por outras populações, pois o contato com os aspectos fundamentais das culturas africanas e regionais, são ofertados e estabelecidos antes, ou em paralelo com se relacionar com outras culturas (Diop, 2014). Por meio da consciência em relação à importância de suas contribuições, e a sua ética de conduta, a população em questão mantém sua integridade e consistência para acessar, refletir e deliberar quaisquer valores que porventura sejam ameaçadores de sua agência. Logo, o encontro com manifestações eurocêntricas, entre outras, como as que eu vivenciei por meio do Balé, podem se apresentar como nutritivas e edificantes para ambas as partes.

Conclusão

Ao refletir sobre a grande parcela que o balé ocupa em minha formação, localizei nos espaços educacionais, a expressiva presença das referências ocidentais e todos os seus esforços em manter os conteúdos ali divulgados, sobre uma perspectiva única, de caráter hegemônico,



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



que contribui para a desorientação dos interesses das populações de origens plurais, submetidas à saberes universais (Njeri, 2019).

Ao acessar as heranças recebidas pela filosofia africana, encontro na cosmopercepção (Oyěwùmí, 1997), uma potente ferramenta para mediar as tensões presentes nos impasses interculturais, para que a partir de sensíveis investigações, antes de dialogar com as outras culturas, possamos resgatar, reconhecer, estreitar laços e legitimar os nossos processos civilizatórios (Diop, 2016).

Ao perceber o presente debate, através da perspectiva afrocêntrica, entendo que o mesmo se encontra para além de questões hierárquicas ou de disputa, características coloniais enraizadas em nossa sociedade, pois a partir do momento que a presente perspectiva acessa a condição humana em todas as populações, as narrativas de supremacia racial se colocam como frágeis.

Na intuitiva e vital tentativa de se reencontrar com os movimentos ancestrais, as manifestações artísticas afro-diaspóricas brasileiras, como o Balé Afro da Bahia ampliam suas experiências, e se reconectam com os valores de coletividade difundida pela filosofia *Ubuntu*⁷, no vislumbre de subjetivação de uma identidade digna e compatível com sua localização ancestral. Identidade esta, que se estrutura de forma motriz, ativa, que conversa e questiona seus aspectos colonizados. Como na ação consciente em adotar para si, o termo “balé” (e ao somar com sua prática modalidades como o próprio balé, jazz e dança contemporânea, como integrantes do corpo metodológico de suas criações), e celebra suas raízes ao centralizar suas performances na filosofia, na história, nos gestos, nos movimentos, nos costumes e vestimentas da cultura afro, favorecendo a confluência de águas distintas, mas que coexistem na sua potência.

As danças afrodiaspóricas, se apresentam como um elemento central e estruturante da cultura africana. Na qual estabelece uma relação de presença e comunicação, tanto interna, ao acessar seus pulsares, quanto externa, ao expor suas concepções, que vão além da limitada concepção corporal eurocêntrica. É uma conduta civilizatória, não passível da separação ocidental, composta por movimentos atravessados pela memória e cultura de vários corpos, das

⁷ Ubuntu: Raíz da filosofia africana, de origem dos povos *bantus*, compreendida através do significado de comunidade e coletividade, que foi sintetizada para o português pela frase: “Eu sou porque nós somos.” O conceito *Ubuntu* procura desenvolver e consolidar os aspectos de humanidade, solidariedade e reconhecimento da importância do grupo para si, e de si para o grupo, como também o zelo aos aspectos da natureza e ambiente em que se vive. (Cavalcante, 2020)



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



particularidades desses corpos em comunidade e pela complexidade de experiências ali concentradas através dos tempos.

Questionar as obsoletas e segregadoras concepções reafirmadas pelos representantes do balé clássico sobre o ensino e o consumo desta dança, como também os diversos outros espaços que apresentam infinitas barreiras ao acesso dos corpos negros, abarca o desconforto, a sensação de inadequação e a segregação, que essas práticas perpetuam até os dias de hoje, seja através da escolha dos corpos ou da manutenção deliberada de regras e condutas que não correspondem mais com o contexto histórico que vivemos. No entanto, apesar do cenário de exaustão que muitos de nós se encontra, é de grande relevância que as críticas a esse padrão de conduta, sejam devidamente localizadas, incentivadas, validadas e urgentemente transcendidas.

Atravessada pelo debate de Walsh (2016), transfiro grande urgência para os campos dos saberes nos flanares e imergires nos conteúdos adversos ao comum e previsível, para assim, nos possibilitarmos questionar e quebrar padrões hegemônicos há anos estabelecidos, e, sobretudo, nos responsabilizarmos pelo consumo, divulgação e validação de epistemologias diversas.

O pesar gerado pela humanidade que nos foi sequestrada, na missão de compor aspectos extremante estruturantes da sociedade brasileira, não é um evento passível de esquecimento. No entanto, resistimos em honra a nossa ancestralidade, guiados pelos passos firmes das pegadas dos que vieram antes, fruto da sabedoria milenar de um povo.

Sentir o chamado para nos desprendermos das armadilhas fantasiosas do olhar, e sensibilizar nosso repertório corporal, ao honrar as pulsões trazidas pela ancestralidade, é ir ao encontro com questões muito íntimas e potentes, que por tempos, fomos impedidos.

Sabendo que, apesar de nossas águas “correrem caladas”⁸, nossos passos são firmemente guiados por uma potente ancestralidade, sob o anseio de uma existência digna, que se estabelece à medida que nos imergimos nas revigorantes águas da nossa história.

⁸ Verso da música: “Louvação à Oxum” de Maria Bethânia, 2011.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, K. S. S. dos, OLIVEIRA, R. C. & VELARDIA, Marília. Construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica. **Rev Bras Educ Fís Esporte**. São Paulo: 2015 Jul-Set; 29(3):439-52.

ANUNCIACÃO, G. O. da. A inserção do corpo negro em companhias de balé clássico no Brasil e Estados Unidos. In: **Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA**. Salvador: 2019, pp. 2084-2094.

BARROS, J. D. A revisão bibliográfica – uma dimensão fundamental para o planejamento da pesquisa. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2009

BHABHA, H. K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998

CAVALCANTE, K. L. C. Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano. **Revista Seminário de Visu**, 2020. Petrolina – Pernambuco

CEVASCO, M. E. **As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CORDEIRO, A. A. de S. Interculturalidade e Cultura Popular: Debatendo a Folclorização dentro da educação escolar. **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 31, n. 67, p. 308-324, jul./set. 2022

COUTO, C. R. O balé por escrito: preceitos e regras de composição dos balés de corte na França do Antigo Regime (1581-1682) **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, e113668, 2022.

DIOP, C. A. D. **A unidade cultural da África negra**. Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. Edições Pedagogo, LDA, out. 2014)

DRAVET, F. M. OLIVEIRA, A. S. de. Relações entre oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano. **Miscelânea**, Assis, v. 21, p. 11-30, jan.- jun. 2017. ISSN 1984-2899

FANTINI, W. S. A dança do Rei: O Balé de corte e poder da soberania em FOUCAULT. **HOLOS**. Departamento de Filosofia-Universidade Federal da Paraíba (UFPB) 2015

FERREIRA, D. dos S. FREIRE, F. J. de O. OLIVEIRA, L. C. M de. Ensino afrocentrado: uma proposta para estética negra na dança. **Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA**. Salvador: ANDA, 2019. p. 2023-2035.

FERREIRA, C. G. DUARTE, O clássico e os valores universais: uma discussão a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica. **Acta Educ. vol. 43** Maringá 2021 Epub 01- Abril-2021.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



GUARATO, R. Seduzidos pelo passado: a crítica como fonte para história da dança. **ARS** (São Paulo), 17(37), 227-243.

GUARATO, R. História da dança enquanto arte. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2012. O Culto da história na dança: olhando para o próprio umbigo. **VI Congresso ABRACE**, São Paulo, 2010.

HALL, S. **Quem precisa da identidade?** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, T. T. da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 103-133, [1996] 2000.

HIRANO, L. F. K. Marcadores sociais das diferenças: rastreando a construção de um conceito em relação à abordagem interseccional e a associação de categorias. In: HIRANO, Luis Felipe Kojima, ACUÑA, Maurício & MACHADO, Bernardo Fonseca (Orgs.). **Marcadores sociais das diferenças: fluxos, trânsitos e interseções**. Goiânia: Editora Imprensa Universitária (Coleção Diferenças), 2019, pp. 27-54.

HOOKS, B. **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2023. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

KATZ, H. A dança e suas epistemologias. In: **SETENTA**, Jussara Sobreira (Org.) Catálogo do 1 Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança. Salvador: 2010. p. 211-221.

LUZ, G. A. Abordagens teórico-metodológicas para o estudo histórico da dança: o balé e a corte na Europa seiscentista. **Ars Historica - revista do corpo discente do programa de pós-graduação em história social da UFRJ**, v. Página 1 de 2 Complementar 3, p. 3, 2011.

MARQUES, I. A. Corpo, dança e educação contemporânea. **Pro-Posições** - Vol. 9 N° 2 (26) Jun., 1998, p. 70-78.

MESQUITA OAL, MEDEIROS RMN. Significações culturais e simbólicas da dança do Maculelê do Balé Folclórico da Bahia: apontamentos para o conhecimento da dança na educação física. **R. bras. Ci. e Mov** 2019;27(4):207-218.

NJERI, A. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. Número 31: mai.-out./2019, p. 4-17. DOI: <<https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28253>> Acesso em 20 de abril de 2023.

NOGUERA

SILVA. L. R. A dança dos outros - Imaginações diaspóricas para interpelar o mundo. **Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, UFPB, v. 10 n. 2, jun-dez/2019, p. 91 a 98



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



SOUSA, A. C. V. de. A AFROCENTRICIDADE E O REALINHAMENTO DO POVO AFRICANO EM DIÁSPORA BRASILEIRA. **Extramuros**. Revista de Extensão da UNIVASF, Petrolina, volume suplementar, n. 2, p. 116-130, 2021.

WILLIAMS, R. **Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2015

PREFEITURA DE SALVADOR. **Balé Folclórico da Bahia**. Teatro Miguel Santana. [Site Institucional]. Disponível em Prefeitura de Salvador: <https://pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/bale-folclorico-da-bahia-3/>. Acesso em 11 de abril de 2023.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia - Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas**, Niterói, v. 31, n. esp., p. 244-248, set. 2019. https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000

WALSH, C. Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais. In: Candau, Vera Maria (org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. (p. 64-75)

ZENICOLA, D. M. (2020). DANÇAS NEGRAS EM AFRODIÁSPORAS. **DANÇA: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Dança**, 5(1). <https://doi.org/10.9771/2317-3777dana.v5i1.42872>